

II Seminário Nacional de Urbanização de Favelas - II UrbFavelas

23 a 26 de novembro de 2016, na UERJ/ Rio de Janeiro

SER FAVELA

Mostra de Áudio Visual sobre as Favelas e algumas Representações Cinematográficas.

Curadoria

Humberto Kzure-Cerquera

1.0 - INTRODUÇÃO

O espaço-favela revela capítulos históricos da disputa e apropriação desigual da terra urbana, como parte do processo secular de disfunções urbanas que resultou em configurações espaciais excludentes e impôs limitações de oportunidades para as camadas sociais de baixa renda. Observa-se, com isso, que as favelas ainda se constituem como espaços da informalidade e da irregularidade do uso e ocupação do solo, marcados pelo déficit de bens e serviços básicos. No entanto, a partir da tomada de consciência e compreensão de seus próprios problemas, a população apartada das principais decisões políticas e econômicas brasileiras se organizou em movimentos sociais, principalmente os durante o período de redemocratização do país nos idos de 1980, para reivindicar programas de urbanização e, em última análise, o direito à cidade.

Em um país repleto de abismos sociais como o Brasil (e não é muito diferente na maioria dos países latino-americanos), é preciso destacar que as favelas construíram secularmente paisagens repletas de identidades e memórias particulares, mas também uma base econômica articulada aos meios de produção formal. Se as favelas revelam as faces da exclusão social, da insegurança e da violência, também é preciso reconhecer que os atos de resistência à cidade elitizada lhes possibilitaram a construção de um “novo olhar” sobre suas fronteiras materiais e imateriais, como produto intrínseco à cultura urbana.

Embora a proliferação de assentamentos precários urbanos, com elevado déficit de saneamento, transportes, equipamentos sociais, por exemplo, ainda representam expressivamente a configuração espacial da maioria das cidades brasileiras, a “nova face” das favelas tem ressignificado seus espaços de sociabilidade, reconhecendo-se como paisagens complexas e multifacetadas, fragmentadas e contraditórias, em permanente processo de construção e transformação físico-espacial, que move as relações entre objeto e sujeito. Identifica-se, pois, as formas visíveis desse universo particular a partir dos elementos que o compõem e o estruturam espacialmente, em uma articulação entre unidade, coerência ou concepção racional do meio ambiente, e na ideia de intervenção humana que imputa o controle das forças que remodelam o espaço físico e social.

A paisagem da favela, além do componente cultural, é resultado da luta coletiva e histórica dos mais pobres pela sobrevivência no espaço urbano. Em uma perspectiva das abordagens culturais, convém lembrar que a paisagem apresenta uma dimensão histórica e uma dimensão espacial, visto que sua materialização se dá sobre a ocupação de parcelas da superfície terrestre, seja em áreas legalizadas ou informais.

Nesses assentamentos precários, também é possível identificar uma paisagem portadora de variados significados, que explicitam valores, crenças, mitos e utopias próprios da dimensão simbólica desses territórios, como atestam vários estudos acadêmico-sociais.

Nas favelas, entre fragmentações e colisões territoriais, há também o caráter de espaço percebido, que o articula à esfera das sensações, que permitem compreender os vínculos emocionais que ligam as pessoas ao lugar onde vivem. Para tanto, faz-se mister considerar os fatos sociais em uma perspectiva pessoal, individual. Neste caso, a esfera do sentimento, comprometida com as materialidades dos espaços vividos, impõe considerar o ponto de vista do indivíduo. Somam-se, aqui, a paisagem considerada como um espaço da percepção individual e coletiva, que a coloca em relação às esferas da sensação, que se constitui pela percepção visual e pela esfera afetiva, capaz de processar e decodificar psicologicamente as possibilidades de apreensão da sensação e da experiência.

Compreender as favelas e a experiência sociocultural dos indivíduos nestes espaços, está em reconhecê-las como construção da cultura de um grupo, sem, no entanto, deixar de considerar a relevância das experiências individuais, do olhar particular que situa o sentido da relação dos sujeitos com o mundo, ou com o lugar que traduz as particulares noções de mundo.

Nessa Mostra de Áudio Visual sobre as Favelas e algumas Representações Cinematográficas, aqui intitulada de **Ser Favela**, pretende-se abrir o diálogo sobre essa paisagem híbrida, de ritmos heterogêneos, de múltiplas escalas e variadas percepções sociais e culturais.

2.0 - OBJETIVO

Essa Mostra de Áudio Visual tem por objetivo levar ao conhecimento do público participante do II Seminário Nacional de Urbanização de Favelas - II UrbFavelas como o cinema se apropria e impacta sobre o espaço-favela, suas paisagens e seus fragmentos a partir das representações fílmicas, que induzem e suscitam reflexões particulares sobre a relação tempo e espaço impressos através do olhar dos realizadores cinematográficos.

3.0 - ESTRUTURA DA MOSTRA

A Mostra **Ser Favela** ocorrerá com a exibição de filmes de curta e longa-metragem, acompanhada de debates com cineastas, representantes de coletivos e o público participante do II UrbFavelas, com a finalidade de buscar reflexões sobre a relação cidade/favela em face de nossas referências culturais, sociais e afetivas. É provocar a discussão sobre o espaço que as favelas ocupam na paisagem urbana e como a cidade que ferve e interfere na existência individual e coletiva, seja este espaço a realidade imediata percebida e da qual o ser humano é partícipe, ou a urbe que existe no imaginário, idealizada ou distorcida.

Para tornar o debate mais palpável e delimitar o espaço da discussão, serão exibidos filmes selecionados pela curadoria. Os critérios para a escolha dos filmes estão baseados na contribuição que cada um trará para o debate sobre a cidade e a favela. Os debates serão realizados após a exibição dos filmes, em acordo com a programação do II UrbFavelas.

4.0 – PROGRAMAÇÃO - EXIBIÇÕES DOS FILMES SELECIONADOS E DEBATES

4.1 – Em **23 de Novembro de 2016, às 17:00 h** – Auditório Quinta da Boa Vista

4.1.1 - Curta Metragem – **Doutor Magarinos** (2013), de Ludmila Curi

Sinopse

“Um advogado do morro” conta a história de um homem que liderou a resistência contra as remoções de favelas promovidas pelo governo do Rio de Janeiro nos anos 1950 e 1960. Magarinos nasceu na elite, lutou por justiça social, morreu na ditadura militar, e deixou uma carta, pedindo que seu corpo fosse velado numa favela e enterrado em cova rasa”.

4.1.2 - Longa Metragem – **5X Favela - Agora por nós mesmos** (2010), de Cacau Amaral, Cadu Barcelos, Luciana Bezerra, Manaira Carneiro, Rodrigo Felha, Wagner Novais e Luciano Vidigal.

Sinopse

"Um filme em 5 episódios escrito, dirigido e realizado por jovens cineastas moradores de favelas do Rio de Janeiro e produzido por Carlos Diegues e Renata de Almeida Magalhães. Os temas dos episódios tratam sempre do convívio humano e social em cada comunidade abordada. Eles falam de ética e educação, amizade e amor, solidariedade e tolerância, família e comunidade, sem ignorar a violência e as dificuldades cotidianas de que sofrem seus moradores”.

1º DEBATE – Paisagem Afetiva

Debatedores

Ludmila Curi – Cineasta

Luciano Vidigal - Cineasta

Luiz Antonio Machado da Silva – Pesquisador

Mediador

Rafael Soares Gonçalves - Pesquisador

4.2 – Em **24 de Novembro de 2016, às 17:00 h** – Auditório Quinta da Boa Vista

4.2.1 - Curta Metragem – **Proibidão**, de Ludmila Curi e Guilherme Arruda

Sinopse

“Proibidão é um documentário que encontra no personagem MC Smith – um jovem cantor do Complexo da Penha – um retrato do universo do funk proibido – gênero musical banido da grande mídia, mas, como diz o protagonista do filme, conhecido na boca do povão. As letras falam em armas, gangues e violência, e o curta-metragem procura mostrar como esses elementos fazem parte do universo de quem vive nas favelas e periferias do Rio de Janeiro. O documentário inclui cenas registradas na ocupação policial dos complexos da Penha e Alemão”.

4.2.2 - Longa Metragem – **Ladrões de Cinema** (1977), de Fernando Cony Campos.

Sinopse

“Durante o carnaval, no Rio de Janeiro, uma equipe de cineastas norte-americanos tem seu material de filmagem roubado pelo bloco de índios que eles documentavam. Os ladrões, favelados do morro do Pavãozinho, resolvem eles mesmos fazer um filme tendo por tema a Inconfidência Mineira. Toda a população do morro adere à ideia com o mesmo espírito e a alegria da preparação de uma escola de samba, com exceção de Silvério, que preferia vender o equipamento e dividir o dinheiro. O filme é realizado, mas a polícia recupera o equipamento e prende os ladrões. Os americanos levam o filme dos favelados para os Estados Unidos, lançando-o com o título Sweet Thieves, com sucesso de público e crítica. No dia da estreia, no Brasil, os favelados comparecem à sessão algemados, levados por um camburão da polícia”.

2º DEBATE – Paisagem Cultural

Debatedores

Ludmila Curi - Cineasta

Guilherme Arruda - Cineasta

Clementino Junior - Cineclubes Atlântico Negro - CAN

Mediador

Humberto Kzure-Cerquera – Professor DAU/IT/UFRRJ

4.3 – Em **25 de Novembro de 2016, às 11:00 h** – Auditório Quinta da Boa Vista

4.3.1 – Curta Metragem – **Eu, Favela** (2012) de Ana Luiza Mello e Viviane Giaquinta

Sinopse

“Com a recente implementação das Unidades de Polícia Pacificadora em diversas comunidades do Rio, já se pode observar o início do chamado processo de gentrificação, decorrente da vertiginosa valorização imobiliária e do aumento nos custos de infraestrutura nas favelas. Nesse documentário, depoimentos dos moradores da favela Chapéu Mangueira, no bairro do Leme, chamam atenção às consequências da política do atual governo, alertando a população para que a cultura das favelas não se perca”.

4.3.2 – Longa Metragem – **Babilônia 2000** (2000), de Eduardo Coutinho

Sinopse

“Na manhã do último dia de 1999, uma equipe de filmagens sobe o Morro da Babilônia, no Rio de Janeiro. Lá existem duas favelas, Chapéu Mangueira e Babilônia, as únicas situadas na orla de Copacabana e cujos moradores podem acompanhar ao vivo o réveillon de Copacabana. Durante 12 horas, as câmeras da equipe de filmagens acompanham os preparativos locais para o réveillon, assim como ouve os moradores locais a fim de saber as expectativas deles para o ano 2000 e para que possam fazer um balanço de suas vidas”.

3º DEBATE – Paisagem Social

Debatedores

Ana Luiza Mello – Cineasta

Viviane Giaquinta – Cineasta

Maria Luiza Tambellini – Assistente Social Professora da UERJ

Maurício Hora - Fotógrafo

Mediador

Claudio Antonio Lima Carlos – Arquiteto e Urbanista Professor DAU/IT/UFRRJ

5.0 – LISTA DE FILMES RECOMENDADOS AO PÚBLICO (não serão exibidos)

- **Rio 40 Graus** (1955), de Nelson Pereira dos Santos
- **Rio, Zona Norte** (1955), de Nelson Pereira dos Santos
- **Orfeu Negro** (1959), de Marcel Camus
- **O menino da calça branca** (1961), de Sérgio Ricardo
- **Assalto ao Trem Pagador** (1962), de Roberto Farias
- **Cinco vezes Favela** (1962), de Marcos Farias, Miguel Borges, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman
- **Associação dos moradores de Guararapes** (1979) de Sérgio Péo
- **Eles não usam Black Tie** (1981), de Leon Hirszman
- **Santa Marta - Duas semanas no morro** (1987), de Eduardo Coutinho
- **Orfeu** (1999), de Cacá Diegues
- **Notícias de uma Guerra Particular** (1999), de João Moreira Salles e Kátia Lund
- **Santo Forte** (1999), de Eduardo Coutinho
- **Cidade de Deus** (2002), de Fernando Meirelles
- **Uma Onda no Ar** (2002), de Helvécio Ratton
- **Seja o que Deus Quiser!** (2003), de Murilo Salles
- **Quase dois Irmãos** (2004), de Lucia Murat
- **Redentor** (2004), de Cláudio Torres
- **Cidade dos Homens** (2007), de Fernando Meirelles + série (2002 a 2005), de Katia Lund e Paulo Lins.
- **Maré - Nossa história de amor** (2007), de Lúcia Murat
- **Tropa de Elite - Missão Dada é Missão Cumprida** (2007), de José Padilha
- **Era uma vez** (2008), de Breno Silveira
- **Women Are Heroes, Brazil** (2008) de JR
- **Favela Painting project** (2010) de Haas&Hahn
- **Tropa de Elite 2- O inimigo agora é outro** (2010), de José Padilha
- **Remoção** (2013), de Luiz Antonio Pilar e Anderson Quack
- **Vozes da Guerra** (2012) de Luka Melero
- **Providência: 115 anos de Luta** (2012), de Haimy Assefa
- **Casas Marcadas** (2012), de Adriana Baradas, Alessandra Schimite, Ana Clara Chequetti, Carlos R. S. Moreira, Éthel Oliveira e Juliette Lizeray
- **Vozes da Missão - Morro da Providência** (2011), de Witness.Org e Moradores
- **Eu, Favela** (2012) de Ana Luiza Mello e Viviane Giaquinta
- **Cidade de Deus – 10 Anos Depois** (2012), de Cavi Borges e Luciano Vidigal
- **Paz Incerta** (2014) de Ana Paula Costa, Fabio Razuk Jr. e Marina Lopes

- **Torre de David** (2014), de Rodrigo Carvalho e Julio Molica

6.0 – **OPERACIONALIZAÇÃO** (Auditório da Quinta da Boa Vista)

1. Disponibilidade de equipamentos de áudio visual;
2. Infraestrutura para acomodar convidados;
3. Definição de locais para montagem da mostra;
4. Formas de divulgação interna;
5. Cronograma de Atividades.

7.0 – **EQUIPAMENTOS** (Auditório da Quinta da Boa Vista)

1. Data Show
2. Notebook
3. Microfone (conferência de auditório) – UHF
4. Telão (projeção DVD e Vídeo) – Light 120 pol. 2,5x2,0
5. Projetor Multimídia Sony TX 10
6. Aparelho de Som com gravador de conferências

8.0 – **RECURSOS HUMANOS**

1. Operador de Som
2. Operador de Multimídia

ANEXO I

APORTE PARA A CONCEPÇÃO DA MOSTRA CIDADE – CINEMA – REPRESENTAÇÃO

Por
Humberto Kzure-Cerquera

A paisagem compreendida através do senso comum, denota um olhar estático ante a natureza e a cidade e suas representações. Sob este aspecto, paisagem é a configuração dos elementos físicos que a constitui. Ocorre que paisagem é o conceito fundante das ciências do espaço e das artes, e em suas análises e críticas, evidencia-se a relação direta entre o homem e o ambiente – natural e construído.

A articulação da cidade com o cinema, com destaque para a metrópole, se dá pelo fato de que este, através da imagem, resulta numa manifestação da cultura repleta de símbolos e fragmentos, tal qual as paisagens.

Tomada em sua definição mais corrente, a paisagem é tudo aquilo que nossos olhos conseguem ver, sendo, portanto, forma e aparência. No entanto, qualquer mudança morfológica que se opere na paisagem não resulta de uma ação ingênua de seus atores e não pode ser analisada separadamente das práticas sociais vigentes. Embora uma paisagem seja apenas um fragmento de uma dada configuração territorial, “o que se encontra na forma-objeto como significante, encontra-se na totalidade como significado” (Santos, 1986: 24). Assim, falar em símbolos contidos nos objetos de uma paisagem nos remete à lembrança de que estes não se revelam totalmente a um olhar pouco reflexivo.

Se paisagens são, a princípio, materialidades, são elas mesmas que permitem às sociedades a efetivação de seus simbolismos representados no espaço através dos objetos visíveis. Mas se a mutabilidade da paisagem parece reconhecer as ações humanas em tempos diversos e em escalas diversas, o que permanece como juízo crítico ante a formação dos fragmentos?

Augustin Berque, que conceitua a paisagem plurimodal na qual sujeito e meio são co-integrados, se autoproduzindo e se autoreproduzindo, sentencia, em uma visão abrangente, que “de fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é o mesmo para cada indivíduo)” (Berque, 1998: 87).

Quando o cinema representa a cidade e os seus fragmentos, tendemos a concordar que em seu universo está presente “a mediação vivida entre os espaços subjetivos e objetivos é, portanto, a paisagem” (Berque, 1994: 27).

Milton Santos, estabelecendo a diferenciação entre paisagem e espaço, afirma que “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. (...) a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal” (Santos, 1996: 83). Associa paisagem ao simbolismo dos lugares onde muitas culturas se encontram, e também entram em conflitos, para ressaltar que o estudo da cultura está intimamente ligado ao estudo do poder.

Cosgrove nos fala que o simbolismo está presente em todos os tipos de paisagens, sendo mais facilmente apreendido naquelas mais elaboradas (a cidade, o parque e o jardim) e através da representação da paisagem na pintura, poesia, cinema e outras artes. Para ele, como a cultura é “potencialmente” capaz de ser trazida ao nível da reflexão consciente e da comunicação, ela “é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas” (ibdem: 102).

A paisagem, enquanto representação do mundo vivido, se configura a partir das leituras da realidade de cada indivíduo, expressões de suas experiências cotidianas no espaço. Reflexos de múltiplas significações, as representações também revelam o elo entre as pessoas e os lugares que é construído através do sentimento de pertencimento, da identificação desses espaços de poder como seus territórios, onde elas exercem suas práticas sócio-espaciais cotidianas. As imagens e recordações das transformações do mundo vivido demonstram a criação de uma territorialidade, de uma identidade sobre o território.

Nesse processo identitário afloram sentimentos, lembranças, símbolos, imagens, fantasias que resgatam o mundo vivido da experiência imediata do homem. Assim, as representações do mundo vivido atuam como recortes arbitrários de paisagens captados pela percepção individual na vida cotidiana. Cada indivíduo constrói suas imagens mentais e a sua própria representação de mundo baseada na experiência vivida e na imaginação.

O cinema ora representando as paisagens ora as (re)construindo, não apenas através do plano das imagens, mas da cultura como reflexo e como condicionante para a estruturação das sociedades, apresenta-nos uma dimensão espacial com possibilidades de compreensão da relação homem x meio.

Reafirma-se, aqui, que reconhecemos o valor das representações das paisagens mesmo que limitadoras da dinâmica e do conhecimento científico de um fato, embora não necessariamente incompatível e seguramente rica como mensagem, como um fragmento perspectivado retido e fixado na memória ou no registro. A paisagem percebida tem um significado, certo sabor característico e cultural, que lhe é indissociável e é fruto da interação de múltiplos processos imbricados que a compõem como tal. Neste sentido, parece oportuno discutir a representação cinematográfica como elemento a contribuir também com a discussão conceitual sobre a paisagem.

A ideia perseguida é a de que as representações do espaço, como possibilidade de apreensão do real, se constituirão, certamente, como uma morfologia da sociedade que as criaram, participando da (re)produção deste espaço. Isto é dito, pois as representações possuem escala de pertinência e as dimensões dos fenômenos que os indivíduos (isolados ou em coletividade) podem reportar às suas próprias existências.

A dimensão simbólica da cidade diz respeito ao cotidiano e futuro próximo de seus habitantes, bem como às crenças, valores e mitos criados no próprio interior da sociedade de classes que, em parte, se projetam no espaço (nas paisagens) através dos diversos monumentos, lugares sagrados, endereço específicos, etc.

As imagens e o cotidiano urbano podem ser vistos como um dos elementos de sustentação da linguagem e da abordagem a que se propõe enfocar, cuja importância parece decorrer de um fator locacional, onde referências são pontuadas ou identificadas como determinadoras do espaço cinematográfico. Da fotografia, o cinema herdou a capacidade de registro de fatos e ambiências. Mas ao construir imagens em movimento, esse campo da arte projeta uma dinâmica que orienta a formulação de uma escala real e/ou imaginária do ambiente urbano. Nesse sentido, o cinema contribui para entender que a cidade é o lugar em que o fato e a imaginação se

fundem. Dessa maneira, indagações acerca do tempo e do espaço, da vida humana e dos fenômenos que definem e redefinem transformações acerca do mundo real, são passíveis de distintas reflexões socioculturais.

A paisagens cinematográficas, por vezes sensorial e também emocional, está associada, em grande parte, à questão dos conflitos sociais urbanos: a luta de classe, a segregação residencial, os impasses políticos (repletos de ideologização), imposição de costumes, valorização seletiva de determinados pontos do espaço, entre outros. Lembramos ainda que as representações sentidas formam opiniões, mesmo que inconscientemente.

Por fim, lembramos que o universo estético é subjetivo e heterogêneo em relação ao mundo que o cerca, não faz parte da criação natural. De acordo com Bazin (1960), no caso do cinema, a realização de um suposto realismo verdadeiro depende de uma ilusão específica da paisagem real que só um filme pode provocar. As imagens cinematográficas, representações particularizadas e fragmentadas das paisagens ou criações de novas paisagens (que a princípio só se revelam na tela), quando assistidas/sentidas por muitos em tempos de cultura de massa, podem vir, inclusive, a se tornarem instrumentos na transformação de novas percepções do real e até na influência no ato constante de (re) produção de materialidades no espaço.

Em um outro nível de análise, ressaltamos que existem importantes diferenças quanto ao ângulo de observação de uma paisagem. Ora contemplarmos uma paisagem em macrodomínio visual, sem acesso aos detalhes inerentes a cada um dos elementos que a compõe. Ora, enxergamos as paisagens em microdomínio visual, observando seus detalhes de maneira que, por vezes, nos parece ser outra, mesmo denotando o mesmo espaço. Esta fragmentação das paisagens se opera a partir das experiências pessoais, denotando a importância do juízo de valor para as considerações sobre o seu conceito.

Rio, 24 de outubro de 2016.

humbertokzure@hotmail.com
humbertokzure@gmail.com
Cel: (21) 9 9925-0338